

SUPLEMENTO

ARQUEOLOGIA

Lagar escavado na rocha das Moutadas Pias, Lousada

Texto | **Luís Sousa**
Arqueólogo. CML.

N o lugar das Moutadas, numa zona correspondente ao extremo sudoeste do castro de Pias, subsiste uma cavidade retangular, aberta numa extensa superfície rochosa de natureza granítica, que tem suscitado algumas dúvidas interpretativas relativamente ao seu propósito funcional. No decorrer de trabalhos de limpeza com vista à realização do seu registo fotográfico e gráfico (desenho técnico de arqueologia), foi possível divisar elementos talhados na rocha que conduziram à recolha de um conjunto de concludentes dados que permitem avançar estarmos perante uma estrutura de transformação agrária, concretamente de um lagar de vinho. Com o presente texto dá-se justamente a conhecer as informações que possibilitaram caracterizar a funcionalidade desta estrutura, bem como acercarmo-nos da sua cronologia.



A VINHA E O VINHO EM LOUSADA NA ÉPOCA MEDIEVAL E MODERNA

Se os recipientes anfóricos recolhidos em contextos arqueológicos são prova do consumo de vinho, a inexistência de dados documentais e a ausência de estruturas de transformação impedem a afirmação de que no concelho de Lousada houve efetivamente produção de vinho na Antiguidade Clássica.

Situação oposta se afigura o panorama para a Idade Média em Lousada. Para este período, ainda que sob formas estereotipadas, contamos com várias referências escritas a vinhas, aludidas aquando da descriminação dos bens dos prédios rústicos, e ao vinho, citado nas mais das vezes como produto tributado pelo senhor da parcela da terra arrendada. Se este aspeto tem no século XIII a sua maior expressão, aliás coincidente com o que vem sendo apontado para a generalidade do território nacional, em que vemos serem criadas particulares condições à disseminação desta planta, facto “que demonstra a expansão agrária que o Portugal rural viveu neste período”, o concelho patenteia medievais alusões documentais que não são desmerecedoras de nota, sobretudo as de recuada data, que embora aguardem o devido enquadramento histórico são sem dúvida um indelével testemunho da existência de vinhedos no atual território do concelho de Lousada, sendo alguns dos escritos anteriores à Nacionalidade. A título de exemplo refira-se uma carta do mosteiro de Pendorada, de doações a particulares, datada de Maio de 770, onde entre os vários bens arrolados para a “villa Sonosello”, na freguesia da Ordem, são arrolados pipos, pipas, vinhas e um lagar². Esta missiva constituir-se-á, eventualmente, como uma das mais antigas e completas composições de um casal rural da bacia inferior do rio Douro onde a cultura da vinha é uma inofismável realidade económica.

Uma vez que os dados documentais são por vezes no tocante a esta matéria algo opacos, porque pouco desenvolvida a vinha no território, perde recorrentemente a importância para os cereais, particularmente o pão por ser a base de toda a alimentação, e em razão de se afigurar de complexa destriça por os bens dos

prédios aparecerem mencionados sob fórmulas textuais muitas vezes estereotipadas³, abre-se aqui espaço à Arqueologia, que com os devidos métodos de reconhecimento do território pode fornecer dados complementares, ou mesmo inovadores, para a resolução das muitas questões que nos coloca a problemática da vitivinicultura na Idade Média e mesmo na Idade Moderna, no caso vertente para o concelho de Lousada, que para o concreto estudo dos seus mais variados aspectos, é precisamente o campo da arqueologia a face visível do avanço do conhecimento deste tema.

Comparativamente a outras circunscrições administrativas em Portugal, não é o concelho abundante em estruturas rupestres associadas à transformação de uvas em mosto. Ainda assim destaca-se do panorama vigente no vale do Sousa, contando com uma referência documental Setecentista e três efetivos lagares cavados em superfícies rochosas graníticas. O facto de o número de lagares rupestres inventariados ser reduzido, não é condição sine qua non para afastar Lousada enquanto concelho produtor/exportador de vinho no arco temporal apontado, pois seriam várias as soluções ao dispor para reduzir as uvas a mosto, designadamen-



Figura 1. Cido do vinho. Calendário - Mês de Setembro. «Livro de Horas de D. Manuel I», Século XVI [1517-1551]. Destaque para as estruturas de transformação de uvas em mosto – dornas. Imagem obtida em: <http://www.vinetowinecircle.com/historia/id-media-filoxera>.

¹ MATTOSO, José; KRUS, Luís; ANDRADE, Amélia Aguiar – *A Terra de Santa Maria no Século XIII – Problemas e Documentos*. Santa Maria da Feira: Comissão de Vigilância do Castelo, 1993, pp. 73-74.

² LOPES, Eduardo Teixeira – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal, 2004, pp. 313-314.

³ COELHO, Maria Helena da Cruz – *O mosteiro de Arouca: do século X ao século XIII*. Arouca: Câmara Municipal, 1988, p. 134.

te as dornas de madeira (Figura 1), cuja utilização está documentada em Portugal desde a presença romana no território nacional à atualidade.

Há muito desaparecido da memória coletiva local, o topónimo “Outeiro de Lagares de Mouros”, em Caíde de Rei, é um bom exemplo do quão esclarecedor se pode revelar o estudo dos nomes dos lugares de uma terra. Este aparece mencionado no «Auto de demarcação e divisão da freguesia de Meinedo ordenado pelo Rei D. Pedro por alvará de 19 de Maio de 1705», auto que viria a ser cumprido a 10 de Setembro de 1709. A demarcação consistiu na confirmação e colocação de marcos ao longo das confrontações do Arcediagado de Meinedo. Aquando da confirmação da fronteira entre a freguesia de Meinedo e a de Caíde de Rei, é referido no citado documento que a demarcação passa “pelas bouças de Orsinhas acima pelo pé do Outeiro de lagar de mouros”⁴.

Seguindo a descrição passo a passo, particularmente no tocante ao local onde se procedia à fixação ao solo de cada marco indicado, foi possível reconhecer o denominado “Outeiro de lagar de mouros”, que toma, na actualidade, o nome de «Outeiro de Moinhos», um cabeço que se topa a noroeste da Estação de Caíde. Pelo que nos foi possível apurar, existiu aqui efetivamente um conjunto de cavidades, desconhecendo-se, todavia, qual a forma, número de compartimentos e que relação existia entre si, pois terão sido arrasadas em resultado de desaterros realizados para a construção de habitações familiares. Apesar de impossibilitados de verificar cabalmente que tipo de estrutura ali existiu, a forma composta do topónimo parece não deixar dúvidas de que estaríamos perante um lagar rupestre.

Na vizinha freguesia de Vilar do Torno e Alentém, concretamente na chamada «Cerca dos Veados», conserva-se uma peculiar obra medieval associada à produção de vinho, cuja mais antiga alusão remonta ao último quartel do séc. XIX. Pinho-Leal foi o seu autor, tendo anotado tratar-se de “uma velharia muito interessante, denominada Lagar dos Mouros, o que tudo prova que os mouros tiveram demorada residência n’estes sítios”⁵. Este lagar foi aberto num bloco granítico de 8,5m² que aflora mais de

150cm acima do solo. Constitui-se de três compartimentos, *calcatorium*, *lacus* e prato. Entre o primeiro e o segundo persiste um canal “ocular”, por onde escorria o líquido resultante da pisa. O apuramento final decorrente da prensagem do bagaço no prato escorria diretamente para o *lacus* por canal de formato em “U”.

Mais recentemente, na obra «Lustosa: Património e Identidade», os autores Manuel Nunes e Paulo Lemos deram a conhecer um lagar rupestre localizado no lugar de Rio de Porto, freguesia de Lustosa. A ausência de vestígios arqueológicos romanos conhecidos nas imediações levou os referidos investigadores a considerarem esta estrutura agrária do período medieval ou mesmo moderno. Aduzem que para esta proposta concorre a “proximidade com o núcleo de povoamento medieval de São Mamede e sobretudo ao Caminho da Ermida, um troço viário medieval que corre nas cercanias dos prédios urbanos da Quinta de rio de Porto, uma unidade agrária que remonta, pelo menos, ao século XVIII”⁶. Estamos perante um lagar de pequenas dimensões com alguns elementos estruturais mutilados, composto atualmente por apenas um compartimento de transformação, o *calcatorium*, que tem de profundidade útil cerca de 21cm. No canto inferior esquerdo foi aberto um canal ocular de largura variável entre 7 e 10cm, destinado ao escoamento do líquido. Nos topos das faces esquerda e direita do *calcatorium* encontram-se cavidades possivelmente relacionadas com o sistema de prensagem. No entalhe semicircular da direita, de feição algo tosca, funcionaria a arbo-re, enquanto no da esquerda, fraturado, haveria lugar à fixação das virgens ou *stipites* destinadas a manter o regular movimento vertical do *prelum* ou vara. À esquerda do canal encontra-se bem talhada na rocha uma cavidade quadrangular (20x20cm) que terá servido para nela fincar um poste de sustentação de uma cobertura. O canal de escoamento do líquido, de 1,1m de comprimento e 12,5cm de largura, encontra-se fraturado na extremidade proximal. Uma vez que se mostra impraticável a recolha de quaisquer líquidos, conduz-nos à interpretação de que o canal faria a ligação a um recetáculo em posição inferior relativamente ao *calcatorium*, destruído por certo na sequência da extração de rocha granítica praticada a oeste do lagar. Esta zona encontra-se presentemente aterrada e ajardinada, o que impossibilita que se lhe adivinhem quaisquer entalhes do tipo de recetáculo porque era composta esta unidade de transformação. Resta-nos referir o lagar rupestre de Moutadas, a mais recente evidência arqueológica de produção de vinho no concelho de Lousada.

⁴ LOPES, Eduardo Teixeira – *Meinedo: subsídios para uma possível história desta freguesia*. Lousada: Câmara Municipal, 2001, p. 244.

⁵ Pinho-Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*, vol. X. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1886, pp. 1284-1286.

⁶ NUNES, Manuel; LEMOS, Paulo – *Lustosa: Património e Identidade*. Lousada: Junta de Freguesia, 2013, pp. 211-212.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA DO LAGAR RUPESTRE DAS MOUTADAS

O sítio onde assenta esta estrutura corresponde a uma ampla superfície rochosa que se desenvolve acima da rua das Moutadas, no extremo sudoeste do que se convencionou chamar de castro de Pias⁷. Para Mendes Pinto estaremos perante um povoado da Idade do Ferro, talvez romanizado, de cariz agrícola, embora a diacronia de ocupação seja difícil de precisar dada a ausência de



Figura 2. Localização do lagar rupestre das Moutadas sobre CMP, 1_25000, fl. 112, IGE0, 1998 e Ortofomapa, esc. 1_5000, CML.

vestígios à superfície. De facto, não logramos até ao momento obter sobre o sítio quaisquer dados que permitam o avanço de renovadas considerações. Recentemente, em razão da abertura de um caminho florestal de acesso ao topo do morro, foi possível observar alguns tramos da estratigrafia do monte, constatando-se a total ausência de vestígios arqueológicos durante os

trabalhos de acompanhamento ali realizados.

Como dissemos anteriormente, um dos principais problemas que tem obstado a interpretações clarificadoras respeitantes à cronologia e, em certa medida, à própria funcionalidade deste tipo de estruturas, radica usualmente na impossibilidade de uma leitura estratigráfica vertical devido à falta de sedimentos associados; por estarem cavadas em superfícies rochosas recorrentemente afastadas de quaisquer coetâneos focos de povoamento, e em razão da opacidade documental no tocante à direta menção a estruturas de transformação, no caso ver-tente, ligadas à produção de vinho. No concernente à freguesia de Pias, tal circunstância é mais evidente, porquanto a documentação mais antiga de momento conhecida não permite uma leitura da paisagem anterior à segunda metade do século XII, logo, distante do ambiente cronológico proposto para o objeto alvo do presente estudo.

Ainda assim, trata-se de textos que se revestem de grande interesse quando as informações neles firmadas merecem a devida atenção, tais como as indicações toponímicas que nos oferecem relevantes dados para o povoamento medieval da freguesia, de que são exemplo as referências a topónimos como *Villa Noua*, *Pereira* e *Petra Labogueira*, citados numa carta de compra de 21 de Novembro de 1169. Se alguns nomes se diluíram do léxico local com o passar do tempo, o termo *Villa Noua* enraíza-se, surgindo em diversa documentação medieval. Volta, por exemplo, a ser aludido numa carta de venda de 11 de Setembro de 1179, constatando-se que o mesmo se reporta e se vai afirmando como um importante núcleo populacional de Pias e ao mesmo tempo como elemento de referência geográfica no quadro da dispersão demográfica local. Porém, vemos ser apontado naquele documento um casal denominado de Torre, termo que persiste na atualidade dando nome a uma pequena parcela agrária que esbarra na margem direita do ribeiro de Pontarrinhas e que é por sinal a mais recuada alusão a um assentamento próximo da área onde se acha implantado o lagar rupestre das Moutadas. Outros documentos medievais de natureza diversa apontam para a presença de núcleos rurais dispersos pela freguesia de Pias ao longo do século XII, com particular incidência nos séculos XIII e XIV, mas somente voltaremos a ter indicações toponímicas confinantes com a área de assentamento da estrutura das Moutadas nos primeiros anos da centúria de quatrocentos.

⁷ SILVA, Armando Coelho Ferreira da – *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira, 1986, p. 84

⁸ PINTO, José Marcelo Mendes – *Plano Diretor Municipal: Carta Arqueológica de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal, 1992 (Policopiado); NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal/Gabinete de Arqueologia, 2008, p. 185.

LAGAR ESCAVADO NA ROCHA DAS MOUTADAS

Esta estrutura, cavada numa extensa superfície de rocha granítica, aparece pela primeira vez referida na «Carta Arqueológica do concelho de Lousada», conferindo os autores uma função cultural, sendo então o sítio denominando de «Santuário rupestre de Pias»⁹.

Trabalhos de limpeza da cavidade e da envolvente para registo gráfico, em Março de 2015, permitiram constatar estarmos perante uma construção de funcionalmente distinta da apontada. A remoção da água retida no interior, bem como das terras depositadas e lixos domésticos, possibilitaram a observação completa da morfologia de um pio ou *lacus*, isto é, o recetáculo do líquido resultante da pisoagem e/ou prensagem realizada numa unidade de transformação de uvas em mosto que se encontraria em plano superior. A tipologia e o contexto histórico-arqueológico traçado para o lagar rupestre das Moutadas parece possibilitar enquadrar esta unidade num aro cronológico que se situará entre o século VIII e XI, embora não obste que o mesmo tenha tido um mais lato uso temporal.

O pio, de formato retangular e cantos arredondados, possui comprimento médio de 125cm e largura de 58cm. A profundidade útil cifra-se nos 27cm, o que perfaz 0,33m³ de capacidade máxima, dimensões que obrigam a considerar este lagar como do tipo «bica aberta», isto é, que não havia aqui lugar à fermentação do mosto, o mesmo aconteceria em pipos de madeira ou

talhas vinárias após o transporte para a adega. No fundo do pio foi realizada uma depressão de cerca de 10 a 12cm de diâmetro que permitia que com um pequeno recipiente (e.g. tigela) se procedesse à recolha total do mosto para ali escorrido. A norte do pio detetam-se talhadas na rocha reminiscências para encaixe de uma estrutura em materiais perecíveis. Ainda que muito mutilada, é notória a regularização da superfície rochosa tendente à obtenção de uma face horizontalizada, que presentemente revela uma planta sofrivelmente circular. O desbaste praticado, conquanto algo tosco, parece ter cumprido a função de nele ser firmado um caniço ou ripado de madeira, no qual seria praticada a pisa das uvas e eventualmente a prensagem do bagaço. A ligação entre o caniço e o pio era feita por um canal de perfil em «U», de não mais que 18cm de comprimento e cerca

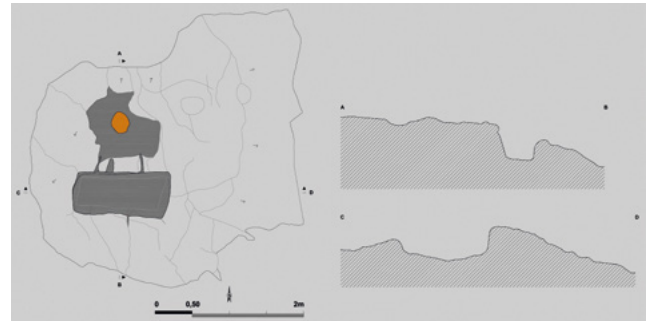


Figura 4. Desenho técnico do lagar das Moutadas. Planta e perfis.

de 10 cm de largura. Era por este canal que era conduzido ao pio ou *lacus* o líquido transformado no caniço. Com cerca de 2cm de largura, pouco profundos e de comprimento variável (21 e 25cm), foram executados dois sulcos entre a base de assentamento da estrutura em ripado de madeira e o pio. Se tiveram similar função que o canal primeiramente descrito não o sabemos, mas são claramente de origem antrópica.

O caminho a percorrer é longo, e embora possam ser expressivos os futuros contributos quer da parte da História, quer da Arqueologia, os passos terão de ser necessariamente curtos, e é certo que dificilmente se darão por concluídas as muitas questões em aberto que pertinentemente se assomam relativamente ao peso económico que a vinha e o vinho tiveram em Lousada na Idade Moderna e Contemporânea.

⁹ NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos – *Op. Cit.*, 2008, p. 186.

Figura 3. Vista geral do lagar das Moutadas.

